

Sobre arrogância*

Dentre todos os trabalhos de Bion sobre a parte psicótica, talvez este seja o mais **original**. O título destaca a abordagem de um fenômeno que ainda não tinha sido investigado pela psicanálise, sequer mencionado da forma como Bion o desenvolve. Na realidade trata-se de investigar uma das atitudes mais abrangentes e freqüentes das organizações humanas: o estado mental arrogante. Basta uma rápida visão pelo universo social para verificarmos a arrogância em funcionamento nas corporações policiais e militares, nas organizações de criminosos, na atitude pomposa de magistrados e outras autoridades, enfim, em qualquer indivíduo que possa por qualquer razão exercer algum tipo de poder em algum momento.

Partindo da observação clínica, Bion destaca uma articulação entre três elementos: *arrogância, estupidez e curiosidade*. Diante desta "organização"⁴⁶ deve

* escrito em colaboração com Júlio César Conte.

⁴⁶ Os fenômenos clínicos das organizações patológicas tem sido relatados há muitos anos – por Freud, em suas discussões sobre a reação terapêutica negativa (1916,1923,1924,1932); por Abraham (1919), sobre a defesa narcísica; e por Joan Rivière(1936) em seu exame da reação terapêutica negativa como defesa contra a tarefa, sentida como impossível, de reparar os objetos danificados. Bion é um dos primeiros do grupo pós-freudiano a abordar o processo de origem de uma organização desta espécie. Mais tarde o modelo do –K descreve um quadro resultante da falha da função-alfa, que leva o indivíduo a combater todas as idéias novas, mergulhando num mundo sem esperança. O –K provém de um fator específico: a **inveja**. Steiner (1987),

ser levantada a hipótese de que um "desastre mental" ativo está presente. Cabe especificar o que significam estes termos, pois Bion não o faz extensivamente:

- 1) **arrogância** – na personalidade onde predominam os impulsos destrutivos (pulsão de morte), o orgulho (narcisismo) se transforma em arrogância; enquanto que na personalidade onde predominam as pulsões de vida o orgulho se transforma em auto-estima.
- 2) **estupidez** – é conseqüente à arrogância. Deve ser tomada no sentido da palavra em inglês (*stupidity*), que dá a idéia de uma ação que mistura grosseria e burrice. É movida pela crueldade do superego e, é um veículo da identificação projetiva. As atitudes estúpidas visam a paralisar e controlar o objeto para a qual são dirigidas.
- 3) **curiosidade** – é o traço mais visado pela arrogância; deve ser tomado não no sentido comum, mas no sentido de uma necessidade vivenciada como mórbida pela parte psicótica da personalidade. A curiosidade é voltada para o mal, sendo empregada para livrar-se dos maus objetos através da identificação projetiva. Nunca é usada para ampliar o Saber. Basta acompanhar a atitude de policiais que ficam sexualmente excitados pela visão de algum crime ou tragédia, ou a conhecida e popular curiosidade do cidadão que detém seu caminho para admirar uma tragédia, mas é incapaz de fazer o mesmo para algum espetáculo artístico ou dádiva da natureza. É também aquela curiosidade voyeurística de indivíduos que exercem atividades, tais como padres no confessionário ou funcionários de estatística, que ficam solicitando mais informações do que o interlocutor deseja ou necessita exibir. Mas, de uma forma geral, isto pode ocorrer com qualquer profissão.
- 4) **"desastre mental"** – é o funcionamento psicótico da personalidade, resultado da falência do que Bion descreverá mais tarde como *reverie* e, em sua ampliação que é a função-alfa.

A articulação arrogância, estupidez, curiosidade, já anuncia de certa forma a idéia do triângulo K,L,H, negativo. O -K pode ser visto como arrogância pois produz o farisianismo (Meltzer, 1992), o -L como a curiosidade mórbida pois produz o puritanismo (ibid.) e, o -H como estupidez pois produz a hipocri-

clarificou algumas idéias de Bion, descrevendo uma organização patológica como um conjunto de defesas operando numa espécie de pseudo-maturidade para disfarçar a instabilidade, isto é, disfarçando-se como posição depressiva para iludir a dor depressiva.

sia (ibid.). A idéia do triângulo que descreve a experiência emocional permite entender melhor porque Bion dedicou-se neste artigo a uma análise do mito de Édipo privilegiando a questão do Saber: não é o crime sexual que é punido, mas o desejo de Édipo de descobrir a verdade a qualquer preço que é tomado como arrogância. Diversos personagens repetem na trama do mito este conflito: o oráculo que possui um Saber e despreza o desejo de Édipo de buscá-lo, Tiresias que possui o Saber mas desdenha a iniciativa do Rei de encontrá-lo e, a esfinge que suicida uma vez decifrado o enigma que propõe a todos. Finalmente, o próprio Édipo que se cega com o broche de Jocasta quando descobre a verdade de sua história.

A trama sexual é apenas um dos dramas periféricos de uma verdadeira tragédia central: a questão do desejo de descobrir a verdade, que implica numa questão ética abrangente, extensiva a todo tipo de investigação científica.

Se a psicanálise instala-se no movimento de uma ética trágica, que é a descoberta da verdade, não é ela uma tarefa insustentável por ter que pensar o desenrolar vertiginoso de uma situação indomável?

→ Nenhuma situação é plenamente analisável. Somente a arrogância pode nos levar a pensar que podemos ocupar plenamente de um material. Diante disto o analista deve estar em condições de reconhecer que fornece apenas o começo, o início de uma investigação, sendo otimista.

Uma grande parte do trabalho da análise, sem dúvida a mais importante, não é explicitada e nem explicitável. A psiquê é um mistério, um labirinto, do qual se observam algumas entradas e algumas saídas. Mais saídas do que entradas. Poder-se-ia dispensar para a prática, o conhecimento dos “mecanismos internos”, se as ligações regulares existissem entre entradas e saídas da psiquê. Ora, a idéia em si de tais ligações regulares é duplamente absurda. Do ponto de vista epistemológico, entradas e saídas não são nunca idênticas, nem entre sujeitos, nem para o mesmo sujeito, e nunca são observáveis como coisas iguais. Do ponto de vista da mente inconsciente, coincidente com uma coisa-em-si que é incognoscível, a psiquê é imaginação radical e, como tal essencialmente indeterminação. Indeterminação não quer dizer caos, desconhecível absoluto, singularidade inefável. O “universal” pode estar presente sob múltiplas formas, o que é suscetível de ser conhecido também, quase tudo pode ser dito. Mas o novo, a criação, a auto-transformação sempre irrompem na mente. E, com todas estas questões emergindo qual sistema Bion poderia se utilizar para começar a dar conta da ética trágica? A resposta não foi difícil. Sua formação ampla

em Filosofia permitiu vislumbrar aqui uma Teoria do Pensar. Este é o caminho seguinte.

A função da teoria, para a maioria dos analistas da época, era de torná-los surdos a esse novo, a essa emergência, à singularidade do sujeito. As hipóteses teóricas indispensáveis – sem o que o analista nada poderia pensar – sobre os mecanismos internos tais como repressão de um lado e identificação projetiva de outro, postulados do mistério cristalizam-se com frequência em sistemas teóricos que se preservam, desta forma, da angústia de ter que pensar a alteridade. Bion quer sair deste impasse que se encontrava a psicanálise. Deste modo, seu caminho toma o rumo da Teoria do Pensar, pois só o pensamento é algo que se cria a todo momento no ser humano. Criar é a única saída.

O trabalho de Bion abre caminho para que possamos entender, no campo da psicanálise, como ocorre o confronto entre duas éticas: a ética trágica, na busca incessante por uma verdade que não pode ser alcançada e, a ética do poder, na qual toda busca da verdade é vista como arrogância e desafio ao Establishment. A estratégia desta última é sempre a mesma, quem questiona a verdade estabelecida é porque deseja destruir o institucionalizado. Na realidade, podemos antever esta teoria de confronto quando Bion menciona os destinos das pulsões de vida e morte em função de sua predominância na personalidade. Afinal, aprender a manter juntos o casal vida-morte não é o que chamamos de ética e, a forma de mantê-los aquilo que determina a forma da ética?

destinos das
pulsões de vida e
morte em função de
sua predominância
na personalidade

busca da
verdade

↳ vista como
arrogância
e desafio ao
Establishment.

ARNALDO CHUSTER

CARMEN SILVA MURATORE, CRISTIANE DECKER, JÚLIO CÉSAR CONTE, JULIO WALZ,
LORIVAL RODRIGUES, MAGDA BARBIERI WALZ, OMEROS COSTA, SUSANA BECK



W.R. BION
NOVAS LEITURAS

Dos modelos científicos aos
princípios ético-estéticos

VOL. I

PARTE TEÓRICA

Companhia
de Freud
editora

Copyright © by EDITORA CAMPO MATEMÁTICO

Proibida a reprodução total ou parcial

Editoração Eletrônica
FA - Editoração Eletrônica

Revisão
Marcus Moura
Silvia Maria Pereira

FICHA CATALOGRÁFICA

N936

Novas leituras : dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos, vol. I : parte teórica / W. R. Bion... [et al.]. — Rio de Janeiro : Companhia de Freud, 1999.

260 p. ; 23 cm.

ISBN 85-85717-35-1

Inclui bibliografia.

1. Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979. 2. Psicanálise.

CDD-150.195

*Companhia
de Freud*
editora

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
Rua Visconde de Pirajá, 547 - Sala 702
Cep 22415-900 - Ipanema - Rio de Janeiro
Tel.: (021) 540-7954 - Telefax: (021) 250-9490
email: terceroforum.com.br